

Ensinar Literatura: gesto de resistência.

Hilda Orquídea Hartmann Lontra (UnB)



O resumo que propus para esta comunicação iniciava dizendo que “o gesto de ensinar literatura hoje, pela coragem, constância e resistência que representa, pode ser associado à postura do leão, ao alto do logotipo que caracteriza a Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación”. Intentei fazer uma homenagem a esta instituição de ensino superior, co-organizadora deste X Congresso Internacional de Humanidades, cujo tema em 2007 é “*Diversidad cultural e integración latinoamericana: acortando distancias*”. Por isso,

essa minha fala aproxima-se mais de uma conferência que de um relato acadêmico de pesquisa em desenvolvimento.

Em princípio, o estímulo maior para eu compor esta ponência foi a possibilidade de fazer a análise deste logotipo que, desde sempre, me pareceu tão interessante, pertinente e representativo dos propósitos que venho defendendo há mais de 4 décadas de magistério. No entanto, mal comecei a analisar o logotipo, constatei que não só o leão é passível da analogia às lides docentes, como também os demais elementos constitutivos do logotipo: o círculo, a faixa, a estrela e o livro. Essa aproximação passarei a analisar, com base nos princípios simbólicos de cada elemento.

Minha comunicação será feita, deliberadamente, em um idioma que se apresenta próximo do “portunhol”, ou seja, um híbrido de português e espanhol. Esse idioma criado por mim para esta situação específica não nasce do nada, autogestado; ao contrário: porque é muito antigo, aponta, para o passado, a árvore latina que nos sustenta e da qual somos ramificações, mas, simultaneamente, volta-se para o futuro, porque, quisá, esse seja o idioma do terceiro milênio, devido à globalização.

Começo pelas imagens pictóricas, em um movimento de fora para dentro. O símbolo da Universidade Metropolitana das Ciências da Educação, desde sempre, foi construído em uma estrutura circular. Há quatro círculos concêntricos que cabem, exatamente dentro de uma forma quadrangular. Qual seria o sentido, simbólico, dessas figuras geométricas planas?

Consultando o **Dicionário de símbolos** de Chevalier e Gheerbrant (1995: 250-4), constatamos que o círculo - tal qual o quadrado - pertence à configuração semiótica que representa a **perfeição**. O círculo é um *ponto estendido; participa da perfeição do ponto. Por conseguinte, o ponto e o círculo possuem propriedades simbólicas comuns: perfeição, homogeneidade, ausência de distinção ou de divisão*.

Registra o Dicionário supracitado: *Concentrado em si mesmo, sem princípio nem fim, realizado, perfeito, o círculo é o signo absoluto. O círculo exprime o sopro da divindade sem princípio nem fim.* Por seu turno, o quadrado é a antítese da transcendência; é o símbolo da terra em oposição ao céu, mas é também, por outro lado, símbolo do universo criado – terra e céu – em oposição ao não-criado e ao criador. Platão considerava o quadrado e o círculo como belos por si mesmos.

O círculo e o quadrado, com todas suas várias nuances significativas, simbolizam dois aspectos fundamentais de Deus: a unidade e a manifestação. Assim, na relação entre círculo e quadrado existe uma e uma conciliação. E se não houvesse outra leitura, o sentido de ausência de distinção e presença de uma conciliação é suficiente para levar à aproximação de tais formas básicas com o tema desse congresso: encurtar distâncias em busca da integração latino-americana. De fato, ao se realizar esse encontro de Humanidades pela décima vez, firma-se o propósito de salientar que, apesar de uma superficial diversidade cultural, a procura da integração latino-americana deve ser um objetivo constante das diferentes identidades políticas que perfazem esse continente.

Se, conforme seria de se esperar, os dirigentes das diferentes unidades políticas do Continente fossem bons leitores, iriam perceber que uma das possíveis alternativas (se não a única) para erguer toda a América Latina, seria a união, independente de idiosincrasias das partes – e aqui destaco o sentido de parte, raiz da palavra de partido: “aquilo que se partiu, quebrado, fragmentado; que apresenta rachaduras, alquebrado; dolorido de exaustão” (Houaiss, 2004). O sentimento de união entre os povos latino-americanos, independentes de partidos, conjunturas, ideologias, poderia consubstanciar a Sulamérica como grande potência global. O Mercado Comum do Sul – Mercosul – inicialmente foi um esforço no sentido de união. E se tivesse tido objetivos superiores aos de base essencialmente econômica, e se tivesse visado à humanização, teria se erguido como uma potência a ameaçar a hegemonia dos “do Norte” ou do “Leste”...

Pensando em bases hegemônicas, outra pergunta surge: qual seria a ideologia a dar sustentação, solidez, a esse propósito de integração latino-americana? E atrevo-me a afirmar que o logo da UMCE nos apresenta em seu código tríplice, feito sobre um laço desdobrado, três imbatíveis alternativas: VERDADE, LUZ e HUMANIDADE.

Acima da circunferência interior, no laço – uma construção imagética que é também da família do círculo, enquanto símbolo das forças místicas em poder de um chefe –, estão escritas – as palavras latinas “*VERITAS*”, “*LUX*” e “*HUMANITATIS*”. Tais palavras designam não apenas as obrigações que provêm dos atos jurídicos, mas também as que procedem de uma adesão interior.

E isto é importantíssimo destacar. *O laço simboliza a obrigação, não mais imposta pelo poder, mas a desejada livremente pelas partes diferentes que se sentem ligadas entre si* (Chevalier e

Gheerbrant, 1995: 532). Dessa forma, o laço aberto, rumo ao infinito, conota o desejo de que a verdade, a luz e a humanidade estendam-se pelo espaço e tempo afora.



Se prestarmos atenção, no logo da UnB há linhas curvas ascendentes que podem ser aproximadas, por analogia, à fita da UMCE. E no Símbolo da Pátria Brasileira há



semelhante estilização, com uma faixa descendente. No caso da flâmula pátria, dentro do círculo, destaca-se o dístico (escrito em português): “ORDEM E PROGRESSO”. Todavia, confrontando os sentidos das palavras escritas nas faixas, em se tratando de uma perspectiva de presente, visando ao futuro, a minha ideologia particular leva-me a preferir, indubitavelmente, o escrito do trípico do logo chileno ao dístico da flâmula brasileira.

E justifico minha postura: julgo que o progresso já teria sido alcançado, há muito tempo e com maior relevância, se as forças continentais, latino-americanas, estivessem unidas. Além disso, a palavra ordem evoca o sentido de obediência, de regulamento, de acatamento a regras e determinação superiores, de lei. Além disso, por ordem entende-se a associação de indivíduos sujeitos à hierarquização, a regras, a classes de pessoas, e em mim desperta o sentido da subserviência. E eu me pergunto: em termos humanos, quem são superiores a quem? Regulamentos ditados por quem? Subserviência de quem perante quem? E cogito: superiores são os do Norte? Os do Leste? Do Mercado Comum Europeu? Enfim: na qualidade de professora, desafio meus alunos à humanização mais pela luz da verdade do que pela progressividade ordeira.

Fixemos nossa atenção à estrela solitária. Na flâmula brasileira, há várias estrelas abaixo da faixa e apenas uma acima. Na identificação gráfica da UMCE há apenas uma estrela, situada no ponto central dos vários círculos. Ambas se encontram em uma superfície que lembra a abóbada celeste. A chilena traz o céu durante o dia (cor amarela) e a brasileira, durante à noite.

No que concerne à estrela, costuma-se apreender, sobretudo, sua qualidade de fonte de luz (e luz é um dos pilares da UMCE). Seu caráter celeste faz com que a estrela seja, também, símbolo do espírito. Uma estrela flamejante, de cinco pontas, simboliza a manifestação central da luz, do foco ativo de um universo em expansão. Além disso, é o símbolo do microcosmo humano, a janela do ser para o mundo.

Quase todas as religiões do mundo se utilizam de estrelas para representar a transcendência. Tanto no Antigo Testamento, quanto no Judaísmo, os corpos estelares obedecem a vontade de Deus e, às vezes, anunciam tal vontade. Na simbologia messiânica a estrela é muitas vezes considerada como uma imagem do Messias esperado. Almejar uma estrela consiste em desejar o bem maior do paraíso. Costumeiramente aproximada à noite, uma estrela é um fragmento da casca do ovo cósmico, para os kalevala, da Finlândia. Mas, para esse povo, a estrela da manhã, que

ilumina durante o dia, tem uma significação toda especial: anuncia o perpétuo renascimento; é o símbolo do princípio da vida natural.

Mas a vida intelectual, cultural, científica é traduzida pelo livro, que também aparece no logotipo da UMCE. Um livro fechado significa a matéria virgem; aberto, é a matéria fecundada; aberto, o conteúdo é tomado por quem o investiga. O universo muitas vezes é representado por um livro aberto; assim também o Humanismo preconiza que seja o coração humano.

O livro é o objeto material mais importante para quem trabalha com literatura. É a ponte que une o macrocosmo exterior ao microcosmo humano, interior, que está nas suas páginas. Assim, o simbolismo fica bem claro: pela leitura, produto da inteligência humana, transforma-se o livro em obra, o símbolo do segredo divino, que só é revelado aos iniciados.

E chegamos de volta ao leão. Afirmei que o leão é o professor e, quase ao término dessa fala, cujo objetivo visa à condensação das relações em um esforço pela integração latino-americana, fico mais convicta de que a tarefa do professor de leitura, de literatura, hoje, é hercúlea, leonina. O leão é apresentado assim, no **Dicionário de Símbolos**:

Poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, o leão, rei dos animais, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por outro lado o excesso de orgulho e de confiança em si mesmo faz dele o símbolo do Pai, Mestre e Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor.

Efetivamente, tanto quanto o leão o professor pode ser admirável, bem como insuportável.

E várias são as imagens que trazem o aspecto negativo do leão, de agressividade, de força, de apavoramento, de intimidação e indiferença pelo outro.



No extremo oriente, o leão, animal emblemático, apresenta profundas afinidades com o dragão, pelo papel que desempenha na proteção contra as influências maléficas: tem a reputação de afugentar os demônios e de trazer a saúde e prosperidade para as famílias, vilas e comunidades. A última dessas imagens representa o leão de Judá, personificando Cristo. À diferença do que aparece no logo chileno, este é mais universal, tem asas e porta um livro, ou as tábuas da lei.



A bandeira do Irã (no propósito de encurtar distâncias a despeito de ideologias) é estampada com um leão coroado, simbolizando a força invencível das inteligências indomáveis, no intuito de imitar a majestade divina.

Para os budistas, essa multiplicidade da simbologia do leão aparece, segundo a literatura, desde 232 aC, no brasão de Açoca que apresentava a efígie de três leões, um de costa para os outros, em cima de um pedestal em forma de roda, com a divisa: *a verdade que triunfa*. Ainda hoje, na Índia, aparecem os três leões com a *Gema Tríplice* dos ensinamentos de Buda: O Fundamento – a Verdade; a Lei – a Luz; e a comunidade – Humanidade.

Para finalizar, destaco a grande analogia do logo com a Filosofia da Educação de que partilho e que tem pautado meus 43 completos anos de exercício de magistério.

- A tarefa mais importante para um professor é ensinar a ler. Ler textos verbais e imagens, ler todos os gêneros e tipos de discurso; ler o texto em seu contexto.
- Antes de qualquer outro instrumento didático, com a pena (caneta, lápis, pincel, giz ou outro suporte qualquer) na mão, compete ao docente dar o dom do livro (a tela, o papiro, o CD, o Vídeo, a abóboda celeste, a luz que dá a cor, que dá a vida, ou qualquer suporte) a seus estudantes.
- Proceder com verdade na iluminação dos caminhos intelectuais, afetivos, sociais, encurtando distâncias entre pessoas, povos, populações a fim de integrar idiomas, ideologias, compete ao professor no exercício de sua missão política.
- E, resgatando mais um quadro do pintor iraniano Iman Maleki, que ilustrou esta apresentação, reforço que ensinar literatura é, sim, um gesto de resistência, apesar das carências de todos os níveis e das deficiências conjunturais.
- Finalmente, apropriando-me de um verso de Antônio Miranda, com cuja conferência foi aberto este Congresso, apesar de reconhecer que ninguém nasceu para herói, eu, professora, pesquisadora e leitora, **ENQUANTO EXISTO, RESISTO.**

